

Mapeamento de sinais do contexto escolar da comunidade surda indígena Paiter Suruí

Rosiane Ribas de Souza Eler

Universidade Federal de Rondônia, Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-7495-3993>

Juliana Isabel R. Fagundes de Carvalho

Universidade Estadual do Mato Grosso, Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-2688-9923>

ABSTRACT: This research was conducted in the indigenous community of the Gaggir village which is located in the municipality of Cacoal, state of Rondônia. It aimed to map the signs used by a group of deaf indigenous students of the Paiter Suruí people, who communicate and express themselves through their own signs created in the need for communication. The methodological support was guided by the methodology of post-critical research in education that believes it is possible to research without a previously defined method (Paraíso 2012). The research was based on Cultural Studies and Deaf Studies. The theoretical assumptions had as reference in the deaf researchers Perlin (2010), the indigenous sign language Vilhalva (2012), and the cultural studies Hall (2006) that can ground the research registration of indigenous sign language from the perspective of appreciation of culture and identity. The authors Leite and Quadros (2014) contributed to show the importance of registering the varieties of sign languages in Brazil and that all this research in the area of sign language of groups far from large urban centers, particularly the indigenous ones, contributes to ensure that these languages do not disappear. As a result, these indigenous people's own signs were registered, which emerged to meet the need for communication among their peers at school with the influence of visuality, which is an important mark in deaf culture.

KEYWORDS: Deaf indigenous people; Registration of indigenous signs; Signal mapping; Paiter Suruí

RESUMO: A presente pesquisa foi realizada na comunidade indígena da aldeia Gaggir que está localizada no município de Cacoal, estado de Rondônia. Teve como objetivo mapear os sinais utilizados por um grupo de alunos indígenas surdos do Povo Paiter Suruí, que se comunicam e se expressam por meio de sinais próprios criados na necessidade de comunicação. O suporte metodológico foi orientado pela metodologia de pesquisas pós-críticas em educação que acreditam ser possível pesquisar sem um método previamente definido (Paraíso 2012). A pesquisa fundamentou-se nos Estudos Culturais e nos Estudos Surdos. Os pressupostos teóricos tiveram como referência nos trabalhos das pesquisadoras surdas Perlin (2010), da língua de sinais indígena Vilhalva (2012), e dos estudos culturais Hall (2006) que podem fundamentar as pesquisas de registro da língua de sinais indígenas na perspectiva da valorização da cultura e identidade. Os trabalhos de Leite e Quadros (2014) contribuíram para mostrar a importância do registro das variedades de línguas de sinais do Brasil e que todas essas pesquisas na área de língua de sinais de grupos distantes dos grandes centros urbanos, particularmente os indígenas, contribuem para que essas línguas não desapareçam. Como resultado, registrou-se sinais próprios desses indígenas que surgiram para suprir a necessidade de comunicação entre seus pares na escola com influência da visualidade, que é uma marca importante na cultura surda.

PALAVRAS-CHAVE: Indígenas surdos; Registro de sinais indígenas; Mapeamento de sinais; Paiter Suruí

1. Introdução

Na atualidade cresce o debate sobre as línguas de sinais não oficiais, o estudo dessas línguas é importante, pois faz parte do registro das variedades de línguas de sinais do Brasil. Todas essas pesquisas na área de língua de sinais de grupos distantes dos grandes centros urbanos, particularmente os indígenas, contribuem para que essas línguas não desapareçam. Nas línguas gestuais-visuais ou línguas de sinais nativas, acontece o mesmo fenômeno de desaparecimento que ocorre nas línguas orais – casos em que uma língua majoritária suprime

uma minorizada pelos processos de poder social que uma exerce sobre a outra (Leite; Quadros 2014).

As pesquisas com indígenas surdos ainda são incipientes no Brasil. Conforme Vilhalva (2012) a discussão sobre as comunidades indígenas surdas teve um crescimento a partir dos primeiros anos do século XXI, temos poucos pesquisadores que fazem trabalhos nessa área. A precursora das pesquisas nessa área é Shirley Vilhalva que no ano de 2009 mapeou a existência de indígenas surdos e de línguas de sinais emergentes nas comunidades indígenas, tendo como meta o registro de sinais emergentes nessas comunidades na região da Grande Dourados, Mato Grosso do Sul, para garantir:

[...] que a cultura do índio surdo seja compreendida para que, conseqüentemente, eles sejam aceitos e respeitados pelas autoridades e pelo resto da sociedade brasileira, nas suas diferenças e nas suas especificidades, sejam culturais ou linguísticas. (Vilhalva 2012: 10)

Os registros propostos foram embasados nos estudos linguísticos aplicados ao ensino de língua de sinais. Foi realizado um levantamento histórico da forma como os sinais foram constituídos e se apresentam na comunicação atual para se poder verificar a situação linguística dos indígenas surdos do Mato Grosso do Sul (Vilhalva 2012).

A motivação para esta pesquisa surgiu com a descoberta de uma comunidade indígena Paíter Suruí na cidade de Cacoal. Nessa comunidade vive um grupo de indígenas surdos com idade entre 6 a 22 anos. O presente estudo desenvolveu-se no contexto do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Acadêmico em Letras (PPGE) da Universidade Federal de Rondônia (UNIR) entre os anos de 2015 a 2017.

Este estudo traz o mapeamento dos sinais indígenas relacionado ao ambiente escolar na aldeia Gapgir, na Terra Indígena Sete de Setembro, município de Cacoal, estado de Rondônia, com um grupo de sete indígenas surdos (duas crianças e cinco adolescentes) que estudam na Escola Sertanista José do Carmo Santana.

Figura 1. Aldeia Gapgir



Fonte: <https://www.google.com.br/intl/pt-PT/earth/>.

Esses indígenas surdos estão distantes da comunidade surda mais próxima, com pouco contato com os surdos de Cacoal. Esses indígenas surdos têm criado seus sinais próprios, denominados nesta pesquisa de Sinais Paiter Suruí (SPS), considerando que a língua de sinais é a primeira língua desses indivíduos.

A questão-problema que motivou a pesquisa foi a de verificar se a comunidade surda Paiter Suruí dispunha de sinais próprios de comunicação e expressão na língua materna e esses sinais diferiam das comunidades surdas não indígenas? A partir dessa questão motivadora deu-se o início ao levantamento de informações e da bibliografia sobre o tema ‘indígenas surdos’.

2. Percorso metodológico

O percurso metodológico utilizado na realização dessa pesquisa esteve pautado nos paradigmas das metodologias de pesquisas pós-críticas de Meyer e Paraíso (2012), que refletem sobre as estratégias usadas para chegar ao resultado sendo o mapeamento dos Sinais Paiter Suruí com base na cultura local e da identidade surda no ambiente escolar. Trata-se de uma abordagem relacionada aos processos próprios de educação escolar indígena na construção dos sinais, segundo as autoras, pensando formas de se redesenhar diversas estratégias de pesquisas ligadas ao momento atual que está se vivendo e pesquisando, tendo como pressupostos os Estudos Culturais pós-críticos e os Estudos Surdos. Os pressupostos dos Estudos Culturais não se resumem a um único caminho de conhecimento a percorrer:

Os Estudos Culturais tiveram uma grande diversidade de trajetórias: muitos seguiram e seguem percursos distintos no seu interior; foram construídos por um número de metodologias e posicionamentos teóricos diferentes, todos em contenção uns com os outros. [...] Sim, consiste num projeto aberto ao desconhecido, ao que não se consegue ainda nomear. (Hall 2003: 201)

Para as perguntas de pesquisas não se sabe se haverá alguma resposta, por isso argumentamos, contestamos, criamos estratégias que fazem da metodologia pós-crítica e dos Estudos Culturais mundos a serem descobertos, que trazem a busca pelo conhecimento.

Com base nos pressupostos das pesquisas pós-críticas em educação, realizou-se o levantamento de palavras usadas no ambiente escolar, organizadas por categorias com a participação do pesquisador da língua indígena Joaton Suruí, que contribuiu para identificação do significado literal das palavras na língua Tupi Mondé, considerando a relação dessas palavras com a língua portuguesa. Com isso, foi possível identificar as marcas da cultura e identidade indígena na configuração dos sinais usados pelo grupo de alunos indígenas surdos. As categorias foram: ambiente escolar e animais do contexto cultural.

O sentido da palavra “mapear” está fundamentado em Biembengut (2008) para dar sentido às informações e à realidade pesquisada, registrando as informações e, se necessário, intervindo para melhorar a vida do grupo pesquisado. Com base em Biembengut (2008: 51), esta pesquisa buscou “[...] relacionar ou ligar um conjunto de itens de dados a outros”, orientado pelos pressupostos teóricos das pesquisas pós-críticas, que nos possibilita criar caminhos e novas estratégias para nossas pesquisas; neste caso, o de relacionar os sinais criados para a comunicação dos indígenas surdos com as estruturas da língua de sinais, mostrando que, por necessidade de comunicação, os sinais são criados inconsciente e naturalmente pelos surdos, mas que preservam as características comuns às línguas de sinais.

Observa-se na criação dos sinais os traços culturais e a cultura visual que norteia o ‘jeito surdo de ser’. Strobel (2016), esclarece a diferença de comportamento do sujeito surdo em relação ao sujeito ouvinte, que parte de experiências visuais, linguísticas, familiares, vida social e esportiva, literatura surda, arte visuais, política, fazem parte dos artefatos culturais peculiares da cultura surda. Não importando o lugar onde estão, se numa aldeia ou na zona rural, ou nas

idades em que se tem uma organização em comunidades, os traços inerentes da visualidade estão presentes naturalmente em qualquer desses ambientes. Biembengut afirma que:

O mapeamento permite-nos formar imagens da realidade e dar sentido às muitas informações, captando traços e características relevantes, representando-as e explicitando-as para quem tal construção possa interessar, ou ainda agir e intervir sobre essa realidade. Uma verdadeira arte na conjugação de conceitos extrajustapostos, tornando capazes de utilização sobre a realidade em movimento. (Biembengut 2008: 51)

Assim, o conceito de mapeamento faz-se presente nas situações mais simples da vida do homem, como nas mais diversas áreas do conhecimento. A seguir mostraremos alguns sinais indígenas surdos registrados nesta pesquisa. Por meio dos sinais mapeados percebe-se a visão de mundo da comunidade surda indígena. É possível também relacionarmos as experiências culturais e de identidade dos Paiter Suruí presentes nos processos de comunicação e expressão da língua de sinais indígena.

3. Sinais Paiter Suruí no ambiente escolar

Leite e Quadros (2014) trazem à discussão as línguas de sinais nacionais, as línguas de sinais originais e as nativas. A primeira são as línguas de sinais reconhecidas por meio de políticas linguísticas, como é o caso da Libras aqui no Brasil. A segunda são as línguas de sinais utilizadas por comunidades distantes dos grandes centros urbanos, como é o caso dos indígenas surdos descritos nesta pesquisa. E a terceira, as línguas de sinais que já eram faladas no contexto que antecederam o reconhecimento dessas línguas de sinais nacionais, que seria a língua de sinais falada no Brasil antes de 1856, quando um surdo francês Ernest Huet¹ fundou a primeira escola de surdos no Rio de Janeiro (Rocha 2008).

O registro das línguas e nativas é importante para a preservação dessas línguas enquanto patrimônio histórico-cultural dos surdos brasileiros. Leite e Quadros (2014) dão ênfase a uma discussão mundial sobre línguas em risco, entre elas as línguas de sinais nativas:

Alternativamente, surdos e ouvintes usuários de língua de sinais nativas correm um risco real de ver a língua desaparecer, quando confrontados com a existência de uma língua de sinais nacional. Esse risco provém de uma visão de que aquilo que provém dos grandes centros é melhor do que aquilo que provém das pequenas comunidades [...] todas as variedades de línguas de sinais utilizadas no Brasil necessitam de um projeto de documentação e vitalização. (Leite; Quadros 2014: 19)

Uma língua de sinais nacional reconhecida ser vista como superior às línguas nativas, nos remete a uma forma de preconceito que lembra a forma do pensamento colonial que observava os povos nativos da América como inferiores aos europeus que os colonizaram.

É com base nas pesquisas sobre a importância do registro de línguas de sinais nativas que foram feitos os registros dos SPS. Foram registrados duas categorias de sinais. Os alunos surdos sinalizaram essas categorias divididas em ambiente escolar e animais do contexto da aldeia.

As categorias foram sinalizadas a partir de imagens que determinasse o que a palavra escrita representava. Quadros e Schmiedt (2006: 99), falam sobre os recursos didáticos que é preciso utilizar no trabalho com surdos: “Muitos recursos surgem no dia a dia, quando o professor se vê diante de uma situação em que se faz necessário algum apoio material para conseguir alcançar, de forma eficaz, a compreensão da criança”. E, para que os alunos indígenas surdos conseguissem representar as palavras que se relacionavam às categorias escolhidas, foram utilizadas imagens correspondentes às palavras.

¹ Também chamado Eduard Huet (nota editorial).

Algumas imagens foram fotografadas no ambiente da aldeia. Outras, que não foram possíveis, buscou-se pelo Google. Essas estratégias metodológicas são possíveis, pois, na metodologia pós-crítica, segundo assinala Paraíso (2012: 33): “Usamos tudo aquilo que nos serve, que serve aos nossos estudos, que serve para nos informar sobre nosso objeto, para encontrarmos um caminho e as condições para que algo de novo seja produzido”. Nesse caso, foram utilizadas imagens para representar o mais próximo possível da realidade ou do significado das palavras.

Os SPS também foram identificados nas observações registradas nas atividades de campo com os alunos, como, por exemplo, o sinal de ‘galinha’, captado durante um passeio na aldeia com uma das crianças surdas, ela fez quando viu uma galinha e sinalizou que a ave era dela. Na metodologia de pesquisas pós-críticas, buscamos todas as informações possíveis sobre nosso objeto de pesquisa e a observação é essencial para o desenvolvimento das análises; (Paraíso 2012: 33) afirma: “Olhamos, observamos, escutamos. Entrevistamos, registramos, anotamos”.

Para organizar a produção e chegar ao desenho de cada sinal mapeado, houve a participação de duas acadêmicas surdas do curso de Letras Libras do campus de Porto Velho, Juliana Isabel R. de Carvalho, para auxiliar na leitura dos vídeos registrados na produção de dados da pesquisa e Suzana Frota que reproduziu os vídeos dos sinais em desenhos. Os vídeos foram enviados para Suzana Frota, com habilidade de fazer desenho dos sinais a partir de fotos e vídeos. Ela transformou os sinais reproduzidos por fotos com auxílio dos vídeos referentes a cada sinal, fazendo a reprodução em desenho. Essas acadêmicas surdas que auxiliaram na análise dos vídeos tiveram papel muito importante na pesquisa, pois como sinalizantes da Língua de Sinais Brasileira contam com experiência na captação de sinais que são naturais às suas características de identidade surda.

A seguir vejamos alguns dos sinais mapeados.

Figura 2. GALO

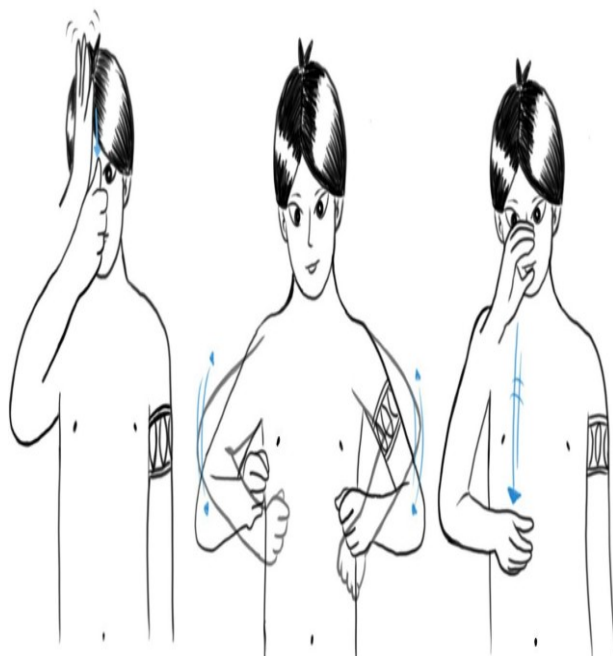


Figura 3. GALINHA



Fonte: Ilustrado por Suzana Frota (2017).²

² As imagens foram retiradas de Eler (2017).

O sinal de GALO³ foi com empréstimo linguístico de um sinal da Libras utilizado para GALINHA, e mais dois sinais que caracterizam o GALO, o das asas balançando e o formato do bico. O sinal de GALINHA alguns surdos sinalizaram o sinal da Libras e outros, um sinal próprio Paiter Suruí, sem referência ao animal observa-se, nesse sinal, a arbitrariedade na formação do sinal.

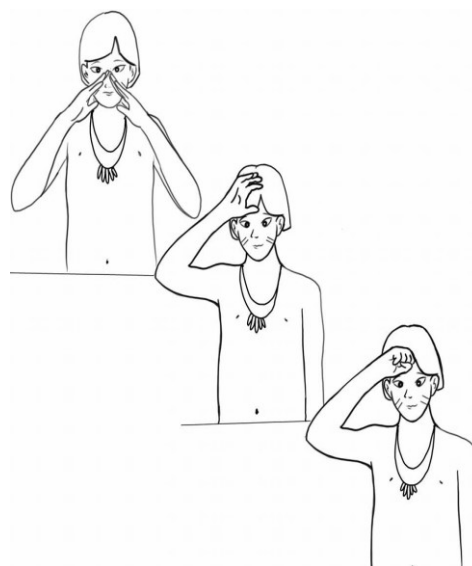
Observa-se a influência da Libras na criação dos sinais e a presença da iconicidade, por exemplo, na descrição da ação feita pelo objeto ou do próprio objeto, sendo essa uma das marcas da cultura visual do sujeito surdo, que caracteriza a identidade surda. O sinal de BANHEIRO foi sinalizado o sinal de CASA usado na Libras, representado pelo ícone do TELHADO com o movimento da água na hora da descarga. O ícone de telhado utilizado na construção desse sinal pode ser pelo fato da construção dos banheiros na aldeia ser de um projeto de saneamento, foram construídos separados das casas na forma de uma casinha com o banheiro e anexo a ele há os tanques.

O sinal de ESCOLA foi construído com o ícone do sinal de CASA da Libras, acrescido do sinal de APRENDER também da Libras. Foi utilizado um empréstimo linguístico da Libras, o sinal de ESCOLA é feito sinal de CASA+ESTUDAR, nos sinais SPS foi usado CASA+APRENDER, podemos ver uma analogia muito criativa pelos indígenas surdos.

Figura 4. BANHEIRO



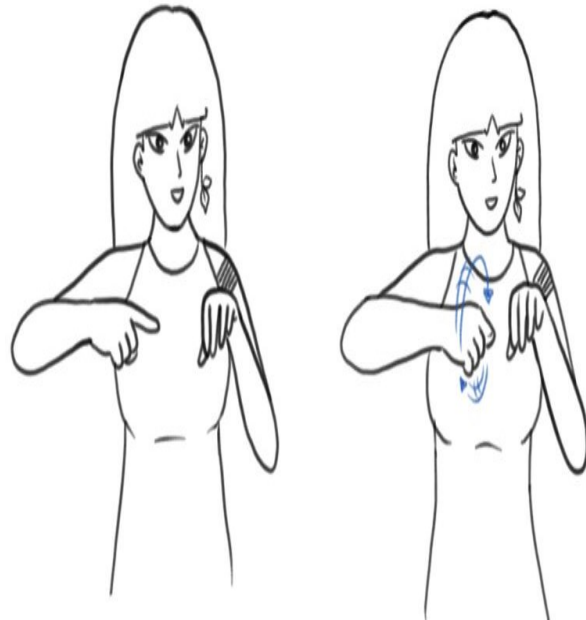
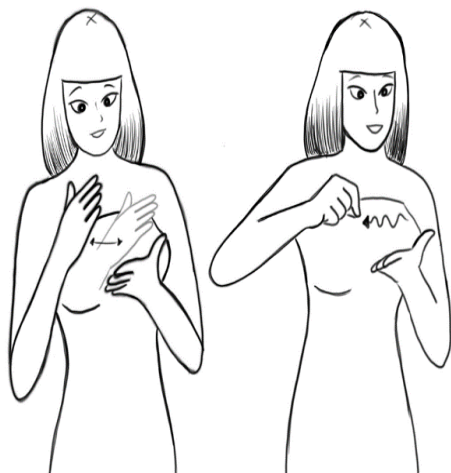
Figura 5. ESCOLA



Fonte: Ilustrado por Suzana Frota (2017)

A palavra PROVA foi sinalizada com base na correção da prova como marca principal. Na construção dos sinais de APONTADOR, CADERNO, TOMAR-ÁGUA, observa-se que relacionam as ações que os objetos produzem ao serem manuseados pelos indivíduos. Strobel (2016), quando descreve o desenvolvimento linguístico como artefato cultural dos surdos, cita os que estão em comunidades distantes dos grandes centros urbanos e que mesmo assim desenvolvem comunicação entre seus pares próximos. A autora complementa: “A língua de sinais [...] é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos e que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimentos universais” (Strobel 2016: 53).

³ As glosas serão marcadas no texto em palavras escritas em letra maiúscula.

Figura 6. PROVA**Figura 7. APONTADOR****Figura 8. CADERNO****Figura 9. TOMAR ÁGUA**

Fonte: Ilustrado por Suzana Frota (2017)

Para simbolizar alguns animais como PEIXE, PEIXE-ELÉTRICO fizeram uma dramatização do sinal. Para PEIXE-ELÉTRICO, um dos indígenas surdos sinalizou com o sinal de PEIXE acompanhado com um som de chiar. Sobre um sinal acompanhado por um som Felipe (2007) afirma: “[...] há sinais em que sons e expressões faciais complementam os traços manuais como os sinais de helicóptero e moto” (p. 23). Ainda explicando o sinal de PEIXE ELÉTRICO feito pelos indígenas surdos, foi feito um movimento de abrir e fechar com a mão como se estivesse representando o som do choque elétrico. Nos sinais da Libras, tem-se esse acompanhamento de som com o sinal, como no caso do sinal de MOTO, HELICÓPTERO descrito por Felipe (2007).

Figura 10. PEIXE

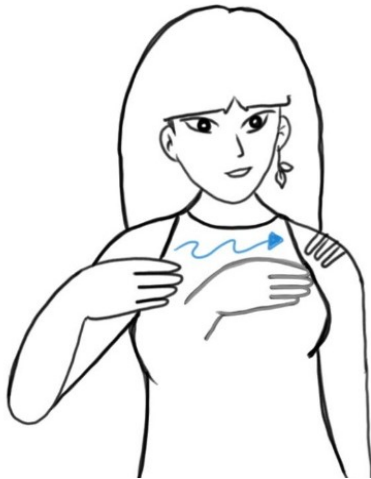
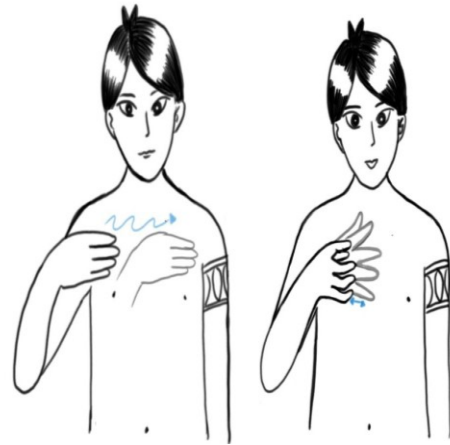


Figura 11. PEIXE ELÉTRICO



Fonte: Ilustrado por Suzana Frota (2017)

De modo geral, os SPS para os animais apresentam a motivação com a característica do animal, com a presença muito forte do gesto e do ícone na descrição dos sinais, como no sinal de RATO que apresenta como ele aparece e anda, no de CALANGO é marcada a forma de andar e de se esconder:

Figura 12. RATO



Figura 13. CALANGO



Fonte: Ilustrado por Suzana Frota (2017)

Os resultados dos sinais mapeados apresentaram traços comuns atribuídos à língua de sinais brasileira como a ‘marca da cultura Paiteer Suruí’. No sinal de HOMEM-PAITEER é marcado a forma da pintura cultural usada pelo homem, em outro sinal observado durante a produção de dados, as meninas sinalizaram COCO tendo como referente o anel que elas confeccionam artesanalmente, e os meninos sinalizaram como eles tiram o coco do coqueiro.

O sinal para HOMEM, foi trazido a marca da cultura Paiteer, no jeito como é feita a pintura e os adereços usados pelo homem Paiteer. Para sinalizar PAPAGAIO a criação do sinal foi

motivada pelo costume, na aldeia, de carregar o animal no braço, mostrando a carga cultural nele presente.

Figura 14. HOMEM PAITER

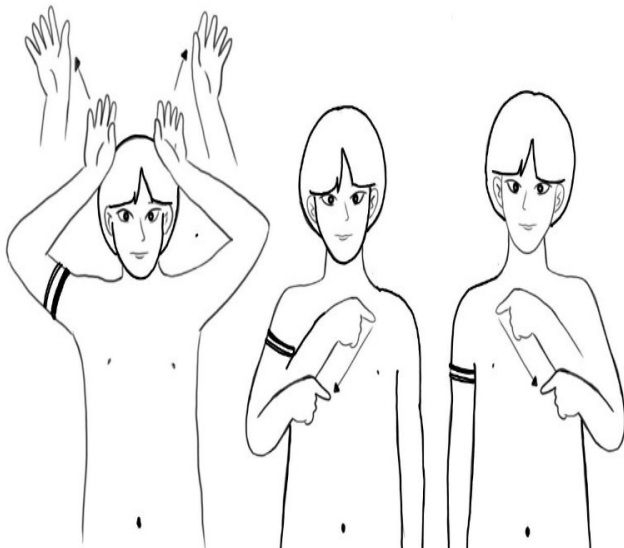


Figura 15. PAPAGAIO



Fonte: Ilustrado por Suzana Frota (2017)

A iconicidade esteve presente em vários sinais como em ESTILINGUE, PROVA, sendo uma das características das línguas de modalidade visual, por ser presente o sentido e a forma dos objetos (Teixeira 2017). A presença da iconicidade nos sinais está presente na descrição da ação feita pelo objeto ou do próprio objeto, sendo essa uma das marcas da cultura visual do sujeito surdo, que caracteriza a identidade surda. Essa caracterização esteve presente no sinal de PROVA de que os indígenas surdos criaram com o ícone de correção o do movimento da ÁGUA na hora da descarga para o sinal de BANHEIRO. Citando a iconicidade na criação dos sinais nas línguas de sinais, Costa (2014: 86) diz: “Sabemos que as línguas de sinais não fazem uso da dimensão sonora, então elas devem explorar ao máximo a iconicidade e produtividade de configurações de mão [...] para produzir inúmeros sentidos”. Observa-se no sinal de BANHEIRO que sinalizaram o sinal de CASA usado na Libras, representado pelo ícone do TELHADO com o movimento da água descrito anteriormente. Observa-se a iconicidade no sinal de ESTILINGUE que remete a forma que é manuseado o objeto.

Figura 16. ESTILINGUE

Fonte: Ilustrado por Suzana Frota (2017)

Segundo Strobel (2016: 52), na criação de sinais por grupos de surdos distantes de outras comunidades, os sujeitos “[...] procuram entender o mundo através de experimentos visuais e procuram comunicar-se apontando e criando sinais” Fato que foi verificado nesta pesquisa.

Considerações Finais

A presente pesquisa de Mapeamento dos Sinais Paiter Suruí de Rondônia no ambiente escolar fez parte dos registros de línguas de sinais de grupos distantes dos grandes centros urbanos espalhados pelo Brasil que, para cumprir a função da comunicação que é natural e inata a todos os seres humanos, criam seu próprio modo de se comunicar, como no caso do grupo de indígenas surdos que se encontram distantes de outras pessoas surdas. Essas línguas, até então, desconhecidas do grande público, nos revelam a criatividade e organização dos indivíduos em sua sinalização. Conforme Leite e Quadros (2014), o registro dessas variedades de línguas de sinais é importante para se preservar o patrimônio histórico-cultural dos surdos do Brasil, sejam eles brancos, indígenas ou quilombolas. Por meio desses registros, está sendo discutido sobre a valorização da diversidade linguística dos surdos, um assunto ainda com pouca divulgação no país. Segundo os autores Leite e Quadros (2014) afirmam: “As diferentes variedades de línguas de sinais do Brasil necessitam ser reconhecidas como legítimas, estudadas e promovidas como um bem intrínseco revelador da riqueza e diversidade da experiência cultural brasileira” (p.16).

Com a pesquisa chegou-se à conclusão que os sinais Paiter Suruí se diferem dos sinais Libras. Os resultados mostraram que nossa pergunta de pesquisa foi respondida de que os SPS diferem dos sinais de outras comunidades surdas. Essa diferença nos sinais foi mostrada no registro dos sinais mostrado através dos registros feitos.

A pesquisa com indígenas surdos é um campo novo a ser explorado. A parte mapeada na comunidade indígena Paiter Suruí foi muito insipiente, temos no ambiente escolar todas as

disciplinas e os seus conceitos, que podem ser divididos em categorias e precisam ser mapeados. Esses sinais precisam ser discutidos entre os alunos indígenas surdos e seus professores para que os conteúdos do dia a dia de sala de aula sejam entendidos de forma plena. Nesse sentido, Leite e Quadros (2014) reforçam o tema ao tratar da importância do estudo das línguas nativas para serem reconhecidas como legítimas, pois cumprem a necessidade linguística de um grupo de pessoas.

Referências

- Biembengut, Maria Salett (2008). *Mapeamento na pesquisa educacional*. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda.
- Costa, Victor H. S. da (2014). Gestualidade e iconicidade nas línguas naturais: a configuração de mão da Língua Brasileira de Sinais. In Marianne Rossi Stumpf; Ronice Müller Quadros; Tarcísio de Arantes Leite (orgs.), *Série Estudos de Língua de Sinais*, vol. II, pp. 79-102. Florianópolis: Insular.
- Eler, R. Ribas de Souza (2017). *Mapeamento de sinais da educação escolar indígena dos surdos Paiter Suruí* (Dissertação de mestrado em letras). Porto Velho, Rondônia: Universidade Federal de Rondônia. <https://ri.unir.br/jspui/handle/123456789/3286>
- Felipe, Tanya A.; Monteiro, Myrna Sarleno (2007). *Libras em contexto* (6ª ed.). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. Livro do Professor. http://LIBRASemcontexto.org/Livro_Professor/Professor_MEC2007.pdf
- Hall, Stuart (2003). *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG/Brasília: Representação da UNESCO no Brasil.
- Hall, Stuart (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade* (11ª ed.). Rio de Janeiro: DP & A Editora.
- Leite, Tarcísio de Arantes; Quadros, Ronice Müller (2014). Língua de sinais do Brasil: Reflexões sobre o seu estatuto de risco e a importância da documentação. In Marianne Rossi Stumpf; Ronice Müller de Quadros; Tarcísio de Arantes Leite (orgs.), *Estudos da língua brasileira de sinais do Brasil*, vol II, pp. 15-27. Florianópolis: Insular.
- Meyer, Dagmar Estermann; Paraíso, Marluce Alves (orgs.) (2012). *Metodologias de pesquisa pós-crítica em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições.
- Paraíso, Marluce Alves (2012). Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação. In Dagmar Estermann Meyer e Marluce Paraíso (orgs.), *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: Trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas*, pp. 23-45. Belo Horizonte: Mazza edições.
- Perlin, Gladis (2010). Identidades Surdas. In Carlos Skliar (org.), *A surdez: um olhar sobre as diferenças* (4ª ed.). Porto Alegre: Mediação.
- Quadros, Ronice Müller de; Schmiedt, Magall L.P. (2006). *Ideias para ensinar português para alunos surdos*. Brasília: MEC, SEESP. http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/port_surdos.pdf
- Rocha, Solange (2008). O INES e a educação de surdos no Brasil (2ª ed.), vol. 1. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).
- Strobel, Karin (2016). *As imagens do outro sobre a cultura surda* (4ª ed.). Florianópolis: Editora UFSC.
- Teixeira, Vanessa Gomes (2017). *A iconicidade e arbitrariedade na LIBRAS*. Rio de Janeiro. http://www.filologia.org.br/vii_sinefil/COMPLETOS/A%20iconicidade%20e%20arbitrariedade%20na%20Libras%20-%20VANESSA.pdf

Vilhalva, Shirley (2012). *Índios surdos: Mapeamento das línguas de sinais do Mato Grosso do Sul*. Petrópolis, RJ: Arara Azul.

DECLARAÇÃO DE CONFLITOS DE INTERESSE

As autoras ROSIANE RIBAS DE SOUZA ELER E JULIANA ISABEL RIBAS FAGUNDES DE CARVALHO, do artigo intitulado "Mapeamento de sinais do contexto escolar da comunidade surda indígena Paiter Surui", declaramos que NÃO possuímos conflito de interesse de ordem:

(X) financeiro no manuscrito;
(X) comercial;
(X) político;
(X) acadêmico;
(X) pessoal.

Declaramos também que não houve apoio financeiro e/ou material recebido para o desenvolvimento deste trabalho.

Ji-Paraná – RO, 21 de julho de 2022

Autor 1: ROSIANE RIBAS DE SOUZA ELER
Rosiane Ribas de S. Eler

Autor 2: JULIANA ISABEL R. FAGUNDES DE CARVALHO
Juliana Isabel R. F. de Carvalho

CONTRIBUIÇÃO DE CADA AUTOR NA ELABORAÇÃO DO ARTIGO:

a) Autor 1: Recorte de sua dissertação de mestrado, apoio desde o planejamento da pesquisa, geração de dados e produção do artigo.

b) Autor 2: organização e produção das imagens da pesquisa, atuou na geração dos dados, auxílio na organização do trabalho e produção e revisão do artigo.

Recebido: 28/1/2022

Versão revista 1: 7/4/2022

Versão revista 2: 21/7/2022

Aceito: 4/8/2022

Publicado: 10/8/2022